

Henoc teria sido arrebatado?

Sim! Seria a resposta que, rapidamente, daria a grande maioria dos seguidores submissos à literalidade dos textos bíblicos, e, certamente, de forma bem retumbante. Porém, nós ainda permanecemos na dúvida, por dois motivos:

- O primeiro é que tendo Jesus dito que *"O espírito é que dá vida, a carne não serve para nada"* (Jo 6,63), não vemos motivo algum para que nós, seres humanos, tenhamos que ir para um outro plano completamente diferente daquele em que vivemos – mundo material -, levando o nosso corpo físico. Consideramos isso tão absurdo quanto querer voar sem ter asas ou viver na profundidade dos mares, sem qualquer tipo de aparelho ou equipamento, que nos forneça o oxigênio, elemento vital para sobrevivermos nessa condição. Uma boa noção disso seria um astronauta, após ter voltado da ISS (*International Space Station*), não querer tirar o traje, que usou para ir ao espaço, pretendendo viver, aqui na Terra, o seu dia a dia com ele. É exatamente assim a relação que o nosso corpo físico terá com o espírito na dimensão espiritual, pois *"Cada forma de vida é adaptada ao seu meio ambiente"* (CHAMPLIN, 2005e, p. 622).

- O segundo, temo-lo em Paulo, que explicou detalhadamente aos coríntios (1Cor 15,35-49), que, para as variadas situações em que vivem os seres, Deus deu um corpo apropriado a cada uma delas, e, em relação a nós, afirmou, sem rodeios, que temos dois corpos: o animal e o espiritual; e que esse último é que seria o corpo da ressurreição. Ao final, concluiu de forma taxativa: *"a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus"* (1Cor 15,50), não dando, portanto, margem a alguma outra opção de interpretação. Sem falar que a lei do Criador não permite que um corpo físico se mantenha no mundo espiritual; porquanto esse só tem condições de se manter através da ingestão de elementos também orgânicos.

Russell Norman Champlin (1933-) manifestou-se sobre esse versículo; dentre várias coisas que disse destacamos:

Um absurdo a ser repellido

1. É um absurdo pensar-se, como fazem alguns, que o corpo ressurrecto será "físico", ou com o materialismo crasso, que supõe que esse corpo terá ossos e carne, mas não sangue, conforme alguns supõem.

2. Para tal espécie de corpo, seria impossível a habitação em elevadas dimensões espirituais. Pois seria ele totalmente consumido. Pelo contrário, o corpo espiritual é exatamente isso, feito de substância espiritual, e não material. Ressuscita "corpo espiritual" [...] Assim, sendo, o corpo ressuscitado, transcenderá a qualquer substância terrena, penetrando no terreno espiritual puro. Somente essa modalidade de corpo pode servir de veículo no nível espiritual da existência. O mais provável é que qualquer coisa inferior a isso seria literalmente consumida ou destruída em um nível superior, caracterizado por uma forma de vida inteiramente diferente. Daí se deriva a *impossibilidade* que qualquer forma de corpo material venha a herdar o reino de Deus, já que essa impossibilidade não é apenas moral ou espiritual (embora envolva esses aspectos também), mas é igualmente uma impossibilidade fisiológica. (CHAMPLIN, 2005d, p. 268) (grifo nosso).

Champlin, como se vê, não deixa margem a dúvida, quanto a impossibilidade do corpo físico herdar o "reino de Deus"; razão para isso ele encontrou justamente em Paulo. Qualquer estudioso verá isso; mas, antes, há que se despir dos dogmas impostos pelos teólogos do passado que, por mais bem intencionados que fossem, não tinham as informações e nem os conhecimentos que dispomos agora sobre os relatos bíblicos.

Vejamos a narrativa bíblica, na qual consta que Henoc teria sido arrebatado:

Gn 5,21-24: *"Quando Henoc completou sessenta e cinco anos, gerou Matusalém. Henoc andou com Deus. Depois do nascimento de Matusalém, Henoc viveu trezentos anos, e gerou filhos e filhas. Ao todo, Henoc viveu trezentos e sessenta e cinco anos. Henoc*

andou com Deus e desapareceu, porque Deus o arrebatou”.

Apesar de já termos lido esse passo, por diversas vezes, ainda não tínhamos despertado para um pequeno detalhe que consta nele, que é a afirmação de que “ao todo, Henoc viveu 365 anos”, ficamos a matutar se esse “viveu” aí não seria o caso de se concluir que o autor bíblico tinha plena consciência da morte de Henoc, porquanto esse tempo verbal se aplica a quem não vive mais, ou seja, já morreu; é fora de lógica aplicá-lo a quem continua vivo, seja lá onde for. A sua morte é a melhor alternativa, que passamos a ver, como a hipótese mais provável do que realmente ocorreu com Henoc. Note o leitor que, seguindo a sabedoria popular, quando não queremos falar em morte, dizemos: “Deus levou fulano em lugar de dizer que fulano morreu”. Veja que levar tem o mesmo significado de arrebatado, com uma pequena diferença, já que arrebatado significa levar, mas de forma repentina, fato que ocorreu até com Jesus quando Ele foi levado pelo Espírito para ser tentado no deserto.

Como sempre fazemos, cuidamos de pesquisar em outras versões bíblicas, para ver como o episódio é narrado nelas. A nossa surpresa foi que o termo “arrebatou” só o encontramos na Bíblia Pastoral e na de Jerusalém; todas as outras, em número de treze (86,6%), aparecem, em seu lugar, os termos “levou” ou “tomou”, conforme a opção do tradutor. Não refeito deste susto, mais um nos aguardava, quando lemos em duas edições da Bíblia Sagrada - Paulinas, o seguinte: “É tradição que Henoc não tenha morrido”. (Paulinas 1977, p. 30; Paulinas 1980, p. 30) (grifo nosso). Imediatamente, concluímos: trata-se apenas de uma tradição, não de um fato real; ou que o tradutor e a editora não quiseram assumir a responsabilidade do que consta nos “originais”.

Na obra *Estudos perspicaz das Escrituras*, entre várias coisas ditas sobre Henoc, destacamos as seguintes:

[...] “Enoque prosseguiu andando com o verdadeiro Deus” (Gên 5:18,21-24; He 11:5; 12,1). Como profeta de Jeová, predisse que Deus viria com Suas santas miríades para executar o julgamento nos iníquos. (Ju 14,15). É provável que tenha sido perseguido por causa do seu profetizar. No entanto, Deus não permitiu que os oponentes matassem Enoque. Antes, Jeová “o tomou”, isto é, abreviou sua vida à idade de 365 anos, uma idade muito inferior à da maioria dos seus contemporâneos. Enoque foi “transferido para não ver a morte”, o que talvez signifique que Deus o pôs num transe profético e então terminou a vida de Enoque enquanto estava no transe, de modo que não sofreu as *agonias* da morte. (Gên 5,24; He 11,5,13). No entanto, não foi levado para o céu, em vista da expressa declaração de Jesus, em João 3:13. Parece que, como se deu no caso do corpo de Moisés, Jeová fez desaparecer o corpo de Enoque, pois “não foi achado em parte alguma”. - De 34,5; Ju 9). (*Estudo Perspicaz das Escrituras*, 1990, p. 813) (grifo nosso).

Muito bem, aqui já temos explicações que nos dão conta de que Henoc, na verdade, não foi levado ao céu de corpo e alma. Vejamos o versículo citado do evangelho de João:

Jo 3,13: “Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem”.

Realmente, o seu teor inviabiliza qualquer tentativa de se colocar uma pessoa indo para o céu de corpo e alma, seja ela quem for. É também por esse motivo que não comungamos com a suposição de que além de Henoc, o profeta Elias teria sido arrebatado de corpo e alma, como se acredita.

Informação bem interessante nos dão os Missionários Capuchinhos de Portugal, tradutores da Bíblia Sagrada Santuário, quando analisam Gn 5,24:

Desaparição de Henoc: Não sabemos o sentido exato desta desapareção misteriosa. A Bíblia refere ainda o caso de Elias (2Rs 14,8). Na literatura pagã fala-se de dois casos análogos: a desapareção de Utnapistim, o Noé dos Sumérios; e a de Rômulo, lendário fundador de Roma. Muitos passos da Escritura e da literatura judaica extra-bíblica referem-se a Henoc. (Cf. Heb 11,5; Eclo 46,16; 49,14; Jd 14). Há ainda um livro não canônico, chamado “Livro de Henoc”. Assim nasceu a tradição de que Henoc e Elias viriam na aurora dos

tempos messiânicos. Mas Jesus declarou que Elias era João Batista (Mt 17,10; Lc 1,17). (Bíblia Sagrada Santuário, p. 11) (grifo nosso).

Ora, se temos outros personagens pagãos passando pelo mesmo fenômeno ocorrido com Henoc, então, não seria uma inabilidade pensar que o caso de Henoc é apenas uma cópia de crença pagã, o que, certamente, irá desagradar a muitos.

Iremos citar, mais adiante, o *Livro de Henoc*, obra apócrifa, que, se não estivermos forçando a barra, pode ter dado origem a essa tradição sobre esse suposto arrebatamento.

Buscando entender melhor a ocorrência, vamos recorrer aos tradutores da Bíblia – Vozes, que nos dão a seguinte explicação, constante de nota de rodapé:

Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas viveu apenas 365 anos. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus. Tal maneira de descrever um fim de vida corresponde à expressão popular “Deus o levou”, referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas. (Bíblia – Vozes, p. 33) (grifo nosso).

Percebe-se, claramente, que o termo arrebatamento se trata de uma figura de linguagem do narrador bíblico, para dizer que ele, Henoc, por ser uma pessoa tão boa “Deus o levou”, para “uma melhor”, ou seja, morreu mesmo. Em apoio a essa nova perspectiva do fato podemos trazer, para corroborá-la, essa passagem do livro Sabedoria:

Sb 4,7-15 : “Ainda que morra prematuramente, o justo encontrará repouso. [...] O justo agradou a Deus, e Deus o amou. Como ele vivia entre os pecadores, Deus o transferiu. Foi arrebatado, para que a malícia não lhe pervertesse os sentimentos, ou para que o engano não o seduzisse. De fato, o fascínio do vício obscurece os verdadeiros valores, e a força da paixão perverte a mente que não tem malícia. Amadurecido em pouco tempo, o justo atingiu a plenitude de uma vida longa. A alma dele era agradável ao Senhor, e este se apressou em tirá-lo do meio da maldade. Muita gente vê isso, mas não compreende nada; não reflete que a graça e a misericórdia de Deus são para os seus escolhidos, e a proteção dele é para os seus santos”.

O livro Sabedoria, como todos sabemos, não consta das Bíblias protestantes. Por ele fica nítida a informação sobre o sentido figurado dado ao termo arrebatado, que acabamos de falar. Inclusive, mais à frente, nesse mesmo livro, narra-se:

Sb 14,15: “Um pai, atormentado por um luto prematuro, manda fazer uma imagem do filho tão cedo arrebatado. [...],

O sentido que aqui encontramos só vem reforçar ainda mais a conclusão à qual estamos chegando no decorrer desse estudo.

E, em Eclesiástico, outro livro que não consta do Cânone protestante, lemos:

Eclo 44,16: “Henoc agradou ao Senhor e foi arrebatado, tornando-se modelo de conversão para as gerações”.

Mantêm-se, portanto, o emprego do sentido figurado, conforme acontece nas outras passagens citadas. Provavelmente, o mesmo que estamos falando de Henoc servirá para Elias, o profeta que dizem ter, também, sido arrebatado:

1Mc 2,58: “Elias foi arrebatado ao céu, por causa do seu ardente zelo pela Lei”.

Até parece ironia do destino, mas também este livro de Macabeus não consta das Bíblias protestantes. E, são eles, os que mais defendem o arrebatamento de ambas as pessoas citadas, para negar a reencarnação. Em função dessas exclusões passou-nos pela ideia: será que foi em decorrência desses fatos que esses livros foram retirados das Bíblias protestantes?

Encontramos uma passagem no Novo Testamento, na qual se afirma algo sobre o assunto; vejamo-la com o ter da Bíblia Sagrada Pastoral:

Hb 11,5: *"Pela fé, Henoc foi levado embora, para que não experimentasse a morte. E não foi mais encontrado, porque Deus o levou; e antes de ser levado, foi dito que ele agradava a Deus".*

Nas outras Bíblias em lugar de "levou" encontramos "arreatou ou trasladou"; prato cheio para os bibliólatras, que tentarão justificar como fato real o arrebatamento de Henoc. Temos aqui o cumprimento do ditado "quem conta um conto, aumenta um ponto", pois vemos que nada mais é que a transformação de uma metáfora numa realidade.

Por outro lado, recomendamos muito cuidado aos que, porventura, venham a se agarrarem a esse livro de Hebreus, pois nele também se diz, de forma bem clara, que, em virtude da fraqueza, da inutilidade e das falhas, o Antigo Testamento foi declarado antiquado e substituído por algo tanto mais excelente quanto melhor, que é a nova Aliança, ou seja, o Novo Testamento (Hb 7,18-19; Hb 8,6-7.12).

Antigamente, pensava-se que o seu autor fosse Paulo (possivelmente seja o motivo pelo qual entrou no Cânon do Novo Testamento); entretanto, hoje, tem-se que é de autoria de uma pessoa completamente desconhecida. Acreditamos que, se tivessem prestado mais atenção nisso aí, isto é, o que nele se afirmou sobre o Antigo Testamento, seria bem provável que tal livro não tivesse sido incluído entre os livros que compõem o Novo Testamento.

A pesquisa que levamos a efeito, visando saber quem foi Henoc, nos colocou diante de novos problemas.

No Dicionário Bíblico Universal, lemos:

A descrição bíblica de Henoc tem os contornos imprecisos do estilo mítico. Henoc pertence a duas genealogias diferentes: é filho de Caim e de Jared (Gn 4,17; 5,18). Viveu 365 anos, tantos quantos os dias de um ano solar. Difere dos outros patriarcas, entre os quais é apresentado: elogiado por sua fidelidade a Deus, não morreu, "mas desapareceu, porque Deus o levou" (Gn 5,22-24). (MONLOUBOU e DU BUIT, 1996, p. 348) (grifo nosso).

Suspeitamos que a frase "a descrição bíblica de Henoc tem os contornos imprecisos do estilo mítico", foi algo calculadamente trabalhado para suavizar o fato, ou seja, para não o colocar de forma tão evidente como proveniente da mitologia; o que é inclusive confirmado pelo fato do tempo de vida dele corresponder a um ano solar.

Mas, por mais fantástico que parece, fomos conferir, e não deu outra: Henoc tem mesmo "dois pais"! Veja:

Gn 4,17-18: *"Caim se uniu à sua mulher, que concebeu e deu à luz Henoc. [...]. Henoc gerou Irad, e Irad gerou Maviael; Maviael gerou Matusael, e Matusael gerou Lamec".*

Gn 5,18.21.25: *"Quando Jared completou cento e sessenta e dois anos, gerou Henoc. Quando Henoc completou sessenta e cinco anos, gerou Matusalém. Quando Matusalém completou cento e oitenta e sete anos, gerou Lamec".*

Embora os passos sejam divergentes em relação ao pai de Matusael/Matusalém, em ambos os textos, este foi quem gerou Lamec; portanto, não adiantaria nada tentar justificar tal situação alegando que os passos falam de duas pessoas distintas com o nome de Henoc; entretanto, por mais paradoxal que seja, temos que o nosso personagem, Henoc, tem dois pais.

Voltando ao assunto tempo de vida de Henoc, vemos a seguir mais uma contradição nos textos bíblicos. Vejamos estas informações sobre outros personagens bíblicos e ele:

Gn 5,5: *"Ao todo, Adão viveu novecentos e trinta anos. E morreu".*

Gn 5,8: *"Ao todo, Set viveu novecentos e doze anos. E morreu".*

Gn 5,11: *"Ao todo, Enós viveu novecentos e cinco anos. E morreu".*

Gn 5,14: *"Ao todo, Cainã viveu novecentos e dez anos. E morreu".*

Gn 5,17: *"Ao todo, Malaleel viveu oitocentos e noventa e cinco anos. E morreu".*

Gn 5,20: *"Ao todo, Jared viveu novecentos e sessenta e dois anos. E morreu".*

Gn 5,23: *"Ao todo, Henoc viveu trezentos e sessenta e cinco anos".*

Gn 5,27: *"Ao todo, Matusalém viveu novecentos e sessenta e nove anos. E morreu".*

Gn 5,31: *"Ao todo, Lamec viveu setecentos e setenta e sete anos. E morreu".*

Gn 9,29: *"Ao todo, Noé viveu novecentos e cinquenta anos. E morreu".*

Temos dois questionamentos:

1º) se *"Deus não faz acepção de pessoas"* (Dt 10,17; 2Cr 19,7; At 10,34; 15,9; Rm 2,11; 10,12; Gl 2,6; Ef 6,9; Cl 3,25 e 1Pe 1,17), por qual motivo todos esses "privilegiados" listados acima viveram tanto tempo?;

2º) se não bastasse tanta longevidade, ainda nos deparamos com o grave problema de que Deus já tinha estabelecido que o homem não viveria mais do que 120 anos (Gn 6,3); será que teria se esquecido disso?

A nosso ver, aqui nessa lista, encontramos essas duas contradições bíblicas.

Também não deixou de passar pela nossa mente a possibilidade de o autor bíblico (ou um copista posteriormente), por um lapso, ter deixado de colocar no versículo 23 a expressão "e morreu", diferentemente de todos os outros versículos. Assim, essa omissão fez com que pensassem ter Henoc ido para junto de Deus em corpo e alma, sem se darem conta de que, a cerca de nove mil metros de altura, a temperatura fica próxima a 40° C negativos¹; fora isso, ainda temos a questão da quase completa falta de oxigênio no ar; portanto, cientificamente é impossível um corpo físico manter-se com vida nestas condições.

Por outro lado, constatamos que, de todos os da lista, Henoc foi o que viveu menos tempo; supondo-se que ter "vida longa" é pelo motivo de "estar na graça de Deus", então, quem deveria ter sido arrebatado era o seu filho Matusalém, que está em primeiro lugar da lista dos "longa-vida".

Na verdade, ninguém viveu tanto tempo; é uma figura de linguagem para significar que a pessoa era, de um modo especial, cumpridora dos preceitos divinos e, como não tinham a crença numa vida após a morte, que é ideia relativamente recente no judaísmo (BORG, e CROSSAN, 2007), a retribuição divina aos justos seria "longos dias de vida" (Pr 3,2); portanto, "Morrer após uma vida longa e feliz era a recompensa prometida aos que seguissem os conselhos da sabedoria e observassem a Lei de Deus" (Bíblia Sagrada - Vozes, p. 541).

Retornando ao ponto anterior, vejamos, agora, o que consta no Dicionário Prático - Barga, que já considera o filho de Caim como um outro Henoc:

2. Filho de Jared e pai de Matusalém. Depois de viver 365 anos "Henoc andou com Deus e não foi visto mais, porque o Senhor o levou" (Gen 5,18-24). Por causa desta frase e de algumas outras referências a ele na Bíblia (Eclo 44,16; Hebr 11,5), muitos pensam que não tenha morrido, mas que tenha sido "arrebatado" por Deus como o foi o profeta Elias (4Rs 2,3.9.10); como querem também alguns que Henoc e Elias sejam os "dois testemunhos" do Apocalipse (11,3ss). Nada disto é certo. Henoc é também o suposto autor de um livro apócrifo, citado por S. Judas (Jud 14,15), mas é também possível que o Apóstolo esteja baseado na tradição oral. (Bíblia Barga – Dicionário, p. 119). (grifo nosso).

Vê-se que, num primeiro momento, o autor dessa explicação não assume que Henoc

1 http://www.balonismobrasil.com.br/pt-br/pgn.asp?id_pg=19&nivel=2&n1=8, acesso em 05.10.2009 às 10:16hs.

não tenha morrido, apenas é dito que “muitos pensam”; porém, ao final, é categórico: “nada disto é certo”; portanto, deixa para o campo da suposição essa crença.

Vejamos agora o que podemos encontrar nos livros apócrifos, ou seja, não canônicos, uma vez que foram citados; porém antes é necessário explicar que:

[...] Os escritos apócrifos sempre tentam preencher os hiatos, sobre os quais nada se conhece. Os livros a ele atribuídos (ver sobre *Enoque, Livros de*), de acordo com alguns são os mais importantes entre os livros pseudepígrafos, por servir de pano de fundo ao Novo Testamento. Comumente diz-se que os autores do Novo Testamento não se utilizaram dos livros apócrifos e pseudepígrafos; mas, qualquer pessoa que tenha examinado o Novo Testamento, versículo após versículo, sabe que há algumas citações, muitas alusões e muitas ideias extraídas daquelas obras. [...] (CHAMPLIN e BENTES, 1995b, p. 381) (grifo nosso).

Os livros apócrifos não são inspirados; entretanto, partes deles são citadas no Novo Testamento que é inspirado; como pode isso acontecer, sem ferir ao bom senso e a lógica? Veja, caro leitor, até onde chegam com suas “explicações”:

Enoque. Embora esta profecia se encontre no livro extracanônico de Enoque (1;9), a profecia original foi proferida pelo Enoque da Bíblia (Gn 5,:19-24); cf. Hb 11:5-6), sendo mais tarde expandida e incorporada ao livro (pseudepigráfico) de Enoque. (Bíblia Anotada, p. 1586) (grifo nosso).

Com isso tentam justificar a citação do nome de Henoc no passo Judas (1,14-15), em que lemos:

Jd 1,14-15: *“Também Henoc, o sétimo depois de Adão, profetizou sobre esses indivíduos, quando disse: ‘Eis que o Senhor veio com seus exércitos de anjos para fazer o julgamento universal e convencer todos os ímpios de todas as suas impiedades criminosas e de todas as palavras insolentes que os pecadores ímpios proferiram contra ele’”*.

O primeiro apócrifo que vale a pena verificarmos é o intitulado *Livro da ascensão de Isaías*, que no capítulo IX, versículo 9, diz:

Vi Enoch e todos aqueles que, com ele, despojaram-se de seu hábito da carne; vi-os revestidos de um hábito celeste; eram como anjos, envoltos por um esplendor infinito. [Isaías teria sido elevado por um anjo “ao éter do sétimo céu”]. (TRICCA, 1995a, p. 90) (grifo nosso).

Veja bem, caro leitor, o que se está afirmando aqui é que “Isaías viu Enoch e todos aqueles que, como ele, despojaram-se de seu hábito de carne”, ou seja, todos “como Henoc” morreram, deixando o corpo físico para repasto dos vermes. Ora, tudo isso, s.m.j., torna totalmente improvável a sua subida ao “céu” de corpo e alma, lenda que para muitos tornou-se realidade.

Vê-se, também, que todos, incluindo Henoc, eram anjos, pois revestiram-se de um hábito celeste; quer dizer, tornaram à condição de espíritos; conseqüentemente, envoltos no perispírito (=corpo espiritual).

Voltamos a Champlin, que, judiciosamente, disse:

[...] O corpo físico do indivíduo perece, e não demora a dissolver-se. Entretanto, isso não representa o fim da personalidade. A alma subiu, porquanto a alma jamais morre, visto que se compõe de um princípio vivo puro. Todavia, a alma não é completa isoladamente, mas precisa de um revestimento. Por essa razão é que surge a fruição, isto é, o corpo espiritual que revestirá a alma, da mesma maneira que a semente, quando germina, é “revestida”, e se manifesta com glória e beleza de vida. A vida, assim

ressurgida, é uma manifestação da alma, a qual não pode permanecer despida, isto é, sem revestimento. E assim, quando da ressurreição, será a alma revestida por um veículo apropriado. E é a fusão da alma e do novo corpo espiritual que comporá a imortalidade; e essa é a germinação da semente que fora plantada no solo, dentro da ilustração apresentada pelo apóstolo dos gentios. (CHAMPLIN, 2005d, p. 261) (grifo nosso).

Esse corpo espiritual citado por Champlin, e, vigorosamente, defendido por Paulo, é exatamente aquele que nós, os espíritas, entendemos ser o corpo perispiritual.

No *Livro de Enoch (1 Enoch)*, temos a informação de como ele foi conduzido aos céus, um a um até ao décimo: “Depois o meu espírito foi arrebatado, e subi ao céu” [...] (TRICCA, 1996, p. 160). Aqui já temos uma informação importante; é que nesse momento Henoc foi arrebatado em espírito e não em corpo e alma.

Em o *Livro dos segredos de Enoch* é que vemos ele indo de “céu em céu” até o décimo. No capítulo I, já temos: “Naquele tempo, disse ele, quando completei cento e sessenta e cinco anos, gerei Matusalém. Depois disso, vivi duzentos anos e, ao todo, minha vida foi de trezentos e sessenta e cinco anos” (v. 2-3). O termo “vivi” é passado. Presume-se que essa afirmação é de alguém que morreu, caso contrário, teria dito: “estive vivendo ou morando na terra”, que é uma fala para quem não passou pela morte. Dessa forma, também vai para o espaço essa ideia de ter sido arrebatado de corpo e alma.

Algo bem interessante que encontramos é Henoc ter dito “Quem sou eu, um mortal, para que possa orar aos anjos?” (TRICCA, 1995a, p. 26), significando, que, ele mesmo, não se considerava imortal; logo se morreu, como não acreditam, é isso que ele era: mortal. Ora, até onde sabemos, quem tem essa condição de imortalidade é somente a alma (ou espírito), enquanto o corpo físico irá dissolver-se, devolvendo à natureza os elementos que dela tomou emprestado.

E, já no décimo céu, Henoc tem notícia dessa ordem do Senhor ao anjo Micael: “Vai e despoja Enoch de suas vestes terrestres e unge-o com meu doce bálsamo, e veste-o com os vestidos de minha glória” (TRICCA, 1995a, p. 49). Não vemos outra coisa senão que era chegado o momento de sua morte, pois “despojar de suas vestes terrestres”, não pode significar senão isso. Deus dá-lhe trinta dias para avisar seus filhos de tudo que viu e do que foi informado, antes de o levar definitivamente; fato que Henoc estava bem consciente: “[...] Meus filhos, a hora de eu voltar ao céu se aproxima: olhai, os anjos estão diante de mim” (TRICCA, 1995a, p. 59).

O capítulo LXVII, onde Henoc é levado, tem o seguinte teor:

1. Quando Enoch falou ao povo, o Senhor enviou as trevas para a terra, e as trevas se estabeleceram, cobrindo aqueles homens que ali se encontravam falando com Enoch, e Enoch foi levado para o céu mais elevado, onde se encontra o Senhor, que o recebeu e o colocou diante de sua face, e as trevas deixaram a terra, e a luz voltou novamente.
2. Mas o povo viu e não entendeu como Enoch foi levado para glorificar a Deus, e eles encontraram um pergaminho enrolado no qual estava escrito: “O Deus invisível!”, e todos foram para casa. (TRICCA, 1995a, p. 63) (grifo nosso).

Mas aqui não é dito que foi levado de corpo e alma; até mesmo, segundo nos parece, os que estavam lá não entenderam nada, justamente por isso, pois se o corpo de Henoc estava ali, “como Deus o levou?”. É o que pudemos deduzir do texto acima.

A grande questão é: se quando ele foi arrebatado aos céus (dez), ainda enquanto vivo, o foi em espírito, por que motivo, então, a sua ida definitiva teria que ser de corpo e alma? Falta lógica e coerência, se acreditarmos nessa hipótese.

De nossa parte, pelo que aqui levantamos, tudo é bem claro agora; nunca houve arrebatamento físico – nem quando Henoc foi ao céu em caráter temporário, nem, muito menos, quando em definitivo, já que todos nós temos que passar pela morte, pois não há outra forma de se retornar ao plano espiritual, do qual viemos, para, temporariamente, habitar este atual corpo físico. Por isso, responderemos, sem mais hesitação, à pergunta título desse

estudo com um sonoro: NÃO!

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Outubro/2009.
(revisado mar/2012)

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
 Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
 Bíblia Sagrada, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
 Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
 Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave Maria, 1989.
 Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
 Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
 Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
 Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
 Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
 Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
 Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
 BORG, M. J. e CROSSAN, J. D. *A última semana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
 CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2005d.
 CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 5. São Paulo: Hagnos, 2005e.
 CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, vol. 2. São Paulo: 1995b.
Estudo Perspicaz das Escrituras. Vol. 1. Cesário Lange, SP: Soc. Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1990.
 MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M., *Dicionário Bíblico Universal*, Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1996.
 TRICCA, M. H. O. *Apócrifos – Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995a.
 TRICCA, M. H. O. *Apócrifos III – os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1996.